

UM PÁSSARO VOANDO ALTO: A VISITA DE NANCY PELOSI A TAIWAN

Por Natalia Portyakova*



A presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, é recebida no aeroporto em Taipé por autoridades taiwanesas (Reuters/Ministério das Relações Exteriores de Taiwan).

De acordo com o Global Times, Pequim deve aproveitar a visita provocativa de Pelosi “para mudar irreversivelmente a situação no Estreito de Taiwan e acelerar o processo de reunificação da pátria”.

Aumento da atividade de aeronaves chinesas na zona de defesa aérea (ADIZ, *Air Defense Identification Zone*) de Taiwan, voos de reconhecimento perto da ilha, bem como proibição da importação de determinados produtos – é o que Taipé pode ter reservado após a presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, voar para a ilha na noite de 2 de agosto. O voo especial SPAR19 dos EUA aumentou as tensões no Estreito de Taiwan e entre a China e os Estados Unidos (EUA).

O Ministério da Defesa da República Popular da China (RPC) já afirmou que as Forças Armadas do país estão em estado de prontidão de combate, e vão tomar uma série de medidas militares como contramedidas. No entanto, Washington acredita que não mudou sua política em relação à China. Como disse ao *Izvestia* Drew Thompson, ex-diretor para China, Taiwan e Mongólia na administração do secretário de Defesa dos EUA, o fato de a ilha não ter sido mencionada no itinerário oficial de Pelosi deveria ter satisfeito em parte Pequim. No entanto, como especialistas garantiram ao *Izvestia*, o aparecimento de uma delegação americana

de alto escalão em Taiwan (que Pequim considera território chinês) não levará a um conflito militar sério. O *Izvestia* descobriu o porquê.

DE OESTE PARA LESTE

Os preparativos de Taiwan para a visita de Nancy Pelosi ocorreram como um filme de ação. Já em 1º de agosto, quatro caças J-16 chineses foram vistos na parte sudoeste da ADIZ da ilha, e em resposta Taipé imediatamente colocou suas aeronaves no ar e implantou seus sistemas de mísseis antiaéreos para rastrear aeronaves chinesas. No dia seguinte, a Força Aérea de Taiwan enviou oito caças Mirage-2000 adicionais para uma base aérea no sudeste do condado de Taitung para escoltar a aeronave de Pelosi em seu espaço aéreo.



Caça chinês J-16 (Wikimedia Commons).

Por sua vez, em 2 de agosto, a RPC fechou a zona do Estreito de Taiwan para aeronaves civis e enviou caças Su-35 para a área. Ao mesmo tempo, imagens que circulavam nas redes sociais mostravam uma concentração de tropas chinesas na cidade costeira de Xiamen, a apenas 5,5 km a oeste da ilha Kinmen, controlada por Taipé.

Diante desse cenário, especialistas militares se perguntaram o dia todo de que lado os aviões americanos entrariam na ilha para evitar áreas com maior presença das forças do Exército Popular de Libertação da China (PLA, *People's Liberation Army*).

Às 22h45, horário local, após um voo de sete horas da vinda da Malásia em um desvio pela costa leste das Filipinas para se aproximar de Taiwan pelo leste e evitar sobrevoar o Mar da China Meridional, o avião que transportava a terceira mais importante figura política dos EUA pousou com segurança no aeroporto Songshan, em Taipé, que também serve como base da força aérea.

O próprio fato do pouso seguro certamente causou um suspiro de alívio tanto do lado anfitrião quanto dos próprios convidados, bem como de uma boa parte do mundo, que assistia ao vivo a aproximação da aeronave. Afinal, até recentemente, no espaço chinês da Internet era opacamente insinuado que a aeronave talvez não chegasse ao seu destino.

“Se caças americanos escoltarem o avião de Pelosi para Taiwan, é uma invasão. O PLA tem o poder de dispersar à força o avião de Pelosi e os caças americanos, inclusive disparando tiros de alerta e criando obstáculos táticos. Se isso for ineficaz, derrubá-los”, escreveu no Twitter Hu Xijin, ex-editor-chefe do *Global Times* e principal falcão não oficial do lado chinês.

No entanto, esse tuíte excessivamente beligerante foi logo deletado – por violar as regras da rede social. Entretanto, após uma breve reunião no aeroporto, com um dos edifícios iluminados com placas de boas-vindas, uma delegação de cerca de 40 pessoas dirigiu-se ao Grand Hyatt Hotel, situado junto à administração do chefe da ilha e ao edifício do parlamento, oficialmente chamado de “íuan legislativo”.



Policiais montam guarda em frente ao Grand Hyatt enquanto manifestantes participam de protesto contra a visita da presidente da Câmara dos EUA, Nancy Pelosi, em Taipé, 2 de agosto de 2022 (Ann Wang/Reuters).

Já na manhã de 3 de agosto, Nancy Pelosi, que ao chegar a Taiwan declarou que sua visita é “uma prova do compromisso dos EUA em apoiar a democracia taiwanesa”, compareceria pessoalmente a essas instituições e seria recebida pela chefe do executivo da ilha, Tsai Ing-wen.

Ao meio-dia, segundo o Apple Daily, foi organizado um banquete de Estado em homenagem à delegação americana, após o qual Pelosi visitou o Museu Nacional de Direitos Humanos, dedicado à memória das vítimas da perseguição da oposição durante os anos do governo do Kuomintang. E com grande atraso em relação ao cronograma original, voou para a Coreia do Sul.

AQUECIMENTO DE FORÇA

A aparição da deputada americana em Taiwan pôs fim a muitos dias de intensa especulação sobre se ela voaria para lá ou abandonaria os planos, preferindo não inflamar paixões nas relações entre a China e os Estados Unidos, que já atingiram uma intensidade sem precedentes em apenas algumas mensagens sobre suas intenções.

Assim que o trem de pouso do avião de Pelosi tocou o solo, o Ministério das Relações Exteriores da China reiterou que a visita era uma grave violação da soberania e integridade territorial da RPC e, em resposta, Pequim tomaria todas as medidas necessárias para proteger a soberania do Estado.

Mais cedo, o Ministério das Relações Exteriores da China alertou que os militares chineses não ficariam “de braços cruzados” se essa visita ocorresse. Em 1º de agosto, a Administração de Segurança Marítima da China anunciou uma nova série de exercícios militares no Mar da China Meridional de 2 a 6 de agosto, “como resultado, a área será fechada para todos os navios”. E na noite de 2 de agosto, eles relataram exercícios militares em seis áreas do mar ao redor de Taiwan. Também na noite do mesmo dia, a zona leste do comando de combate do exército chinês iniciou uma série de operações militares perto de Taiwan, em particular, o lançamento de mísseis com ogivas não nucleares.



O avião com a presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, e membros da delegação dos EUA chega a Taipé, 2 de agosto de 2022 (Jameson Wu/Reuters).

No entanto, mesmo antes disso, os militares chineses claramente não ficaram de braços cruzados: de acordo com o Ministério da Defesa japonês e os militares taiwaneses, desde a segunda quinzena de junho o PLA intensificou suas atividades nas ilhas mais ao sul do Japão e perto de Taiwan. Em 24 de julho, o PLA realizou manobras aéreas e marítimas de três lados da ilha, empregando nos exercícios um drone de ataque, um destróier, uma aeronave de defesa antissubmarino, um par de caças e uma aeronave de reconhecimento. E em 30 de julho, como parte de

outra demonstração de suas capacidades, o PLA organizou um exercício de tiro real em uma das regiões costeiras de Fujian, a província do sudeste da China mais próxima de Taiwan.

Durante todos esses dias, preparativos foram realizados também nos EUA. Em 28 de julho, o grupo de ataque do porta-aviões americano USS *Ronald Reagan* entrou no Mar da China Meridional. E em 1º de agosto, o jornal japonês *Nikkei* informou que os militares dos EUA estavam movimentando seus meios militares, incluindo porta-aviões e aeronaves, para mais perto de Taiwan.

Na véspera do pouso do avião de Pelosi, o presidente do Estado-Maior Conjunto dos EUA, general Mark Milley, garantiu que “Se for decidido que a presidente Pelosi ou qualquer outra pessoa vai viajar e eles pedirem apoio militar, faremos todo o necessário para garantir a condução segura de sua visita”.

No entanto, no final ficou decidido que as forças de combate da Força Aérea de Taiwan escoltariam o avião Pelosi até o local de pouso.

Enquanto isso, os militares escalavam, diplomatas e especialistas tentavam – na medida do possível – amenizar as tensões. Por exemplo, como explicou Drew Thompson, o fato de Taiwan não ter sido mencionada no itinerário oficial de Pelosi (foram informadas visitas a Singapura, Malásia, Coreia do Sul e Japão) visava satisfazer parcialmente Pequim. “Esta é uma concessão às preocupações de Pequim, mas longe de uma capitulação. O interesse da China em retirar Taiwan da agenda oficial e da lista de estados soberanos foi assim respeitado, disse ele.



A presidente da Câmara dos Deputados dos EUA, Nancy Pelosi, chega a Taipé, 2 de agosto de 2022 (Reuters/Ministério das Relações Exteriores de Taiwan).

O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, John Kirby, que deu uma grande entrevista coletiva em 1º de agosto, achou que “Pequim não tem motivos para transformar uma visita em potencial, consistente com a política norte-americana de longa data, em um tipo de crise”. Enquanto isso, o chefe do

Departamento de Estado dos EUA, Antony Blinken, mais uma vez tentou transmitir à China a ideia de que a decisão de viajar pertence inteiramente à própria Pelosi, já que “o Congresso é um ramo independente e igualitário do governo”. E acrescentou que os EUA esperam que, no caso de sua visita, a China “aja com responsabilidade e não participe de nenhuma escalada no futuro”. Em 2 de agosto, após o pouso do avião, Kirby disse: “Os Estados Unidos não se deixarão intimidar, nossas alianças na região são fortes”.

A Embaixada da China nos Estados Unidos não fez comentários ao *Izvestia*.

Moscou vê a visita de Pelosi a Taiwan como uma clara provocação, disse o Ministério das Relações Exteriores da Rússia, pedindo a Washington que se abstenha de ações que prejudiquem a estabilidade regional e a segurança internacional e reconheça uma nova realidade geopolítica na qual não há mais espaço para a hegemonia americana.

COMO A CHINA RESPONDERÁ?

No entanto, seria ingênuo esperar que a China deixe a visita de Pelosi a Taiwan sem resposta. Desde 1º de agosto, Pequim suspendeu a importação de produtos de mais de 180 empresas alimentícias da ilha. E, como sugeriram fontes da mídia de Taiwan, é possível que Pequim esteja considerando restringir as importações de produtos manufaturados também se as relações entre os dois lados do Estreito de Taiwan continuarem a se deteriorar.

Outro toque curioso no quadro geral foi o ataque cibernético em massa que ocorreu em 2 de agosto nos sites oficiais de Taiwan, incluindo o portal do governo.



Pedestres passam por telão mostrando imagens de aeronaves do Exército de Libertação do Povo Chinês (PLA) durante um programa de notícias noturno em Pequim, 2 de agosto de 2022 (Tingshu Wang/Reuters).

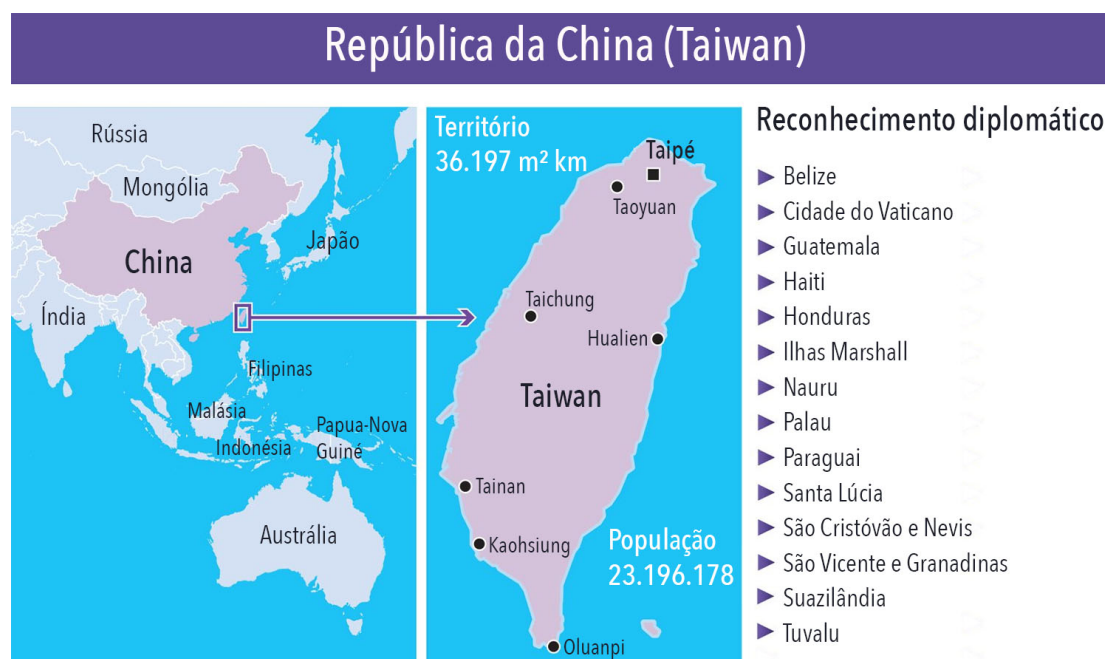
Especialistas entrevistados pelo *Izvestia* consideraram que a opção mais provável para a resposta de Pequim seria aumentar as visitas da aviação chinesa à zona de defesa aérea de Taiwan e os voos de reconhecimento perto da ilha.

“Não haverá guerra ou conflito militar, exceto por uma demonstração militar com um grande número de caças voando para a ADIZ de Taiwan ou cruzando a linha central no Estreito de Taiwan, ou exercícios militares em áreas costeiras conforme anunciado”, disse Artur Ding, professor emérito do Instituto de Estudos do Leste Asiático da Universidade Nacional de Zhengzhi de Taiwan.

Uma reação exagerada, disse ele, poderia criar ainda mais problemas para o próximo 20º Congresso do Partido Comunista Chinês no outono e prejudicar as relações do país com todos os estados ocidentais, que a China, ao contrário, procura ajustar.

A guerra é improvável, e o pior cenário seria a expansão dos exercícios militares para “complementar” a presença regular da China no espaço aéreo de Taiwan, disse George Yin, especialista do Centro de Estudos Chineses da Universidade Nacional de Taiwan em Taipé.

“Há sinais de que a China não quer uma escalada. Primeiro, o nível de protestos chineses é ‘moderado’. Os altos funcionários que protestaram claramente contra a visita de Pelosi foram funcionários das Relações Exteriores e da Defesa, não o ministro das Relações Exteriores, ou um membro da comissão militar central, ou o próprio Xi Jinping. Isso sinaliza que a China quer conter a situação”, disse o especialista taiwanês.



Mapa/visão geral de Taiwan.

Além disso, George Yin chamou a atenção para o recente discurso de Xi Jinping na reunião do partido em 26 e 27 de julho, onde o líder chinês enfatizou a importância de manter a paz e a estabilidade em todo o Estreito de Taiwan.

No entanto, não é certo que Pequim e Taipé interpretem o conceito de estabilidade da mesma forma. Como escreveu o jornal oficial chinês *Global Times* em 2 de agosto, citando vários especialistas, Pequim aproveitará a medida provocativa dos Estados Unidos “para mudar irreversivelmente a situação no Estreito de Taiwan e acelerar o processo de reunificação da pátria”. “Ninguém deve subestimar a determinação da China de se reunificar e se reconstruir, e a crise russo-ucraniana acabou de permitir que o mundo visse as consequências de ser encurralado por uma grande potência”, disse a agência chinesa.

Como se sabe, em 2005, a RPC adotou uma lei para combater a divisão do país, segundo a qual Pequim se dá o direito de usar “maneiras não pacíficas” para proteger a soberania e a integridade territorial da república, se, em particular, “ocorrem mudanças sérias que podem levar a que Taiwan se separe da China”.

Publicado no [Izvestia](#).

**Natalia Portyakova é jornalista no Izvestia e possui formação pelo Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou do Ministério das Relações Exteriores da Rússia.*
